

## Trabalhando as relações de gênero na Educação Infantil: uma contribuição das práticas de Filosofia e Ciências Sociais

*Roberto Izoton\**

### Resumo

Este texto apresenta a experiência docente realizada no Centro Municipal de Educação Infantil Dom José Mauro Pereira Bastos, no primeiro trimestre letivo do ano de 2013, em que discuti com os alunos de duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental e em uma turma de 5 anos da Educação Infantil o tema das relações de gênero. O projeto Relações de Gênero foi desenvolvido dentro das atividades das Práticas de Filosofia e Ciências Sociais da Rede Municipal de Ensino de Cariacica. Tais práticas também são objeto desse texto. O projeto, a partir da distinção entre sexo (dato biológico) e gênero (dato social), pretendeu discutir com as crianças sobre a construção dos papéis de gênero, levando-os a refletir sobre o seu caráter de construção social, além de desconstruir o sexismo e o machismo que ainda impera sobre as relações de gênero, bem como contribuir para o empoderamento das meninas, mostrando que suas aspirações profissionais não dependem de sua identidade de gênero.

**Palavras-Chave:** Ciências Sociais. Educação. Relações de Gênero.

### Abstract

This paper presents a teaching experience held at the Municipal Center of Preschool Dom José Mauro Pereira Bastos, in the first academic quarter of 2013 in which I discussed with students from two classes of 1st grade of elementary school and one class of kindergarten the issue of gender relations. The Gender Relations project was developed within the activities of the Philosophy and Social Science Practice of the Municipal Network of Education from Cariacica. Such practices are also the subject of this text. The project, based on the distinction between sex (biological) and gender (social), intended to discuss with children about the construction of gender roles, leading them to reflect on their character of social construction, and deconstruct sexism and male chauvinism that still prevails on gender relations and contribute to the empowerment of girls, showing that their professional aspirations do not depend on their identity gender.

**Keywords:** Social Science. Education. Gender relation.

## 1 Apresentação

Neste texto procuro apresentar uma experiência docente realizada no primeiro trimestre do ano letivo de 2013, em duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental e em uma turma de 5 anos da Educação Infantil do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dom José Mauro Pereira

---

\*Licenciado, bacharel e mestrando em Ciências Sociais e Especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atuou como professor de Ciências Sociais no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dom José Mauro Pereira Bastos, na Rede Municipal de Ensino de Cariacica entre 2010 e 2014, período em que realizou esta experiência docente.

Bastos, localizado em Bandeirantes, Cariacica – Espírito Santo. Tal experiência fez parte das atividades das Práticas de Filosofia e Ciências Sociais na Rede Municipal de Ensino de Cariacica direcionadas ao segmento Aluno, e teve como temática as relações de gênero.

O projeto Relações de Gênero partiu da distinção entre sexo e gênero, categorias vistas como sinônimos pelo senso comum. Nessa perspectiva, o sexo é apresentado como um dado biológico determinado por certas características físicas, como a posse de órgãos sexuais diferenciados. O gênero, por sua vez, é considerado como uma construção sociocultural que determina os papéis sociais que devem ser exercidos por homens e mulheres (HEILBORN; ARAUJO; BARRETO, 2010).

Como se trata de uma realidade sociocultural, os papéis sociais de gênero precisam ser aprendidos para que sejam desempenhados. Alberto Tosi Rodrigues (2007), ao comentar a perspectiva sociológica de Émile Durkheim, nos mostra que a socialização é o processo por meio do qual aprendemos a ser membros de nossa sociedade. Desse modo, também podemos dizer que é por meio da socialização que aprendemos a ser homens e mulheres. A família e a escola são as duas grandes instituições sociais responsáveis por esse aprendizado.

Desde antes do nascimento dos bebês, as famílias montam o seu enxoval baseando-se nas cores socialmente aceitas para uso de cada gênero – sendo, frequentemente, o azul para os meninos e o rosa para as meninas. Até mesmo os brinquedos que são dados às crianças contribuem para o aprendizado do que é atribuído aos homens e às mulheres – por exemplo, os carrinhos dados aos meninos visa educá-los a utilizar os veículos automotores como ferramentas para a conquista do espaço público, enquanto às panelinhas e bonecas dadas às meninas educam-nas para que elas sejam boas mães e donas de casa, tarefas desempenhadas no espaço privado.

Daniela Finco (2003), na pesquisa desenvolvida em virtude de seu mestrado em Educação, observou em uma escola de Educação Infantil que, durante brincadeiras espontâneas, meninos e meninas frequentemente intercambiam os papéis sociais que lhes são atribuídos – quando, por exemplo, meninos brincam de boneca e meninas de carrinho –, e concluiu que “[a]s fronteiras entre os gêneros se dissolvem e meninos e meninas interagem descontraidamente, não mantendo nítidas as divisões de gênero” (FINCO, 2003, p. 96). Desse modo, os educadores que atuam na Educação Infantil também são responsáveis por inculcar nas crianças seu devido papel social de gênero, inclusive ao repreender meninos e meninas que adotam comportamento “desviantes”.

A divisão sexual do trabalho é a primeira consequência da utilização do gênero como categoria de classificação social. Na sociedade brasileira contemporânea, apesar de as mulheres também estarem inseridas no mercado de trabalho, recai quase que exclusivamente sobre elas a

execução dos trabalhos domésticos. Além disso, existem postos de trabalho que são majoritariamente ocupados por homens, principalmente os de chefia. A divisão sexual do trabalho, então, é uma consequência do sexismo e do machismo vigente em nossa sociedade, por meio dos quais as mulheres são relegadas a papéis secundários, além de serem praticamente as únicas responsáveis pela reprodução da vida social, por meio da realização dos serviços domésticos e do cuidado das crianças (HEILBORN; ARAUJO; BARRETO, 2010).

Diante de tudo isso, o projeto Relações de Gênero visou à discussão com os/as alunos/as do CMEI Dom José Mauro Pereira Bastos acerca da construção dos papéis de gênero, levando-os a refletir sobre o seu caráter de construção social. Deste modo, ele se fez importante por tentar desconstruir o sexismo e o machismo que ainda impera sobre as relações de gênero, além de buscar contribuir para o empoderamento das meninas, mostrando que suas aspirações profissionais não dependem de sua identidade de gênero. É importante ressaltar que não foi nosso objetivo desconstruir a identidade sexual das crianças, apenas propor uma reflexão acerca das relações sociais que se estabelecem tendo como base a categoria gênero.

## **2 As práticas de Filosofia e Ciências Sociais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental de Cariacica (ES)**

As Práticas de Filosofia e Ciências Sociais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental foram introduzidas na Rede Municipal de Ensino de Cariacica no ano de 2006, em consonância com a Política Educacional implementada pela Secretaria Municipal de Educação (SEME) entre os anos de 2005 e 2012. Tal política tinha como objetivo a construção de uma educação cidadã, “que entende o ser humano como sujeito de sua aprendizagem”. Para cumprir esse objetivo, a SEME elaborou o Plano de Melhoramento da Educação, que era constituído pelos seguintes programas: Educação Cidadã, Ampliação e Manutenção da Rede, Educação Integrada, Educação Continuada e Escola em Ação. As Práticas de Filosofia e Ciências Sociais faziam parte deste último programa (CARIACICA, 2009, p. 5).

Para a inserção das Práticas, elaborou-se o Projeto de Filosofia e Ciências Sociais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: Desafios e Perspectivas, cuja implementação contou com cinco fases. Na primeira fase realizou-se o esboço do projeto e a exploração inicial do campo de pesquisa. Na segunda fase foi feita uma pesquisa de campo preliminar, na qual os instrumentos foram preparados e aferidos. A pesquisa em si foi realizada na terceira fase de implementação do projeto,

nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF) Renascer – bairro Padre Gabriel –, Elisa Leal Bezerra – Bairro Prolar –, e Talma Sarmiento de Miranda – bairro São Geraldo. Ela teve como referencial metodológico a Pesquisa Ação – por meio da qual pesquisador e pesquisado interagem, “possibilitando um vínculo entre realidade objetiva e realidade subjetiva” – e visou buscar evidências da possibilidade ou não de introdução dos saberes de Filosofia e Ciências Sociais no currículo da Rede Municipal de Ensino de Cariacica. Como a pesquisa apontou – por meio da interação com os diversos sujeitos que compõem a comunidade escolar – a possibilidade da inserção das referidas áreas de conhecimento, a quarta fase foi a elaboração da Proposta Curricular de Filosofia e Ciências Sociais e a quinta fase foi a experiência piloto, iniciada em 2007 e que ainda está em curso (CARIACICA, 2009, p. 3).

Também em consonância com a política educacional do município, a Câmara de Vereadores de Cariacica aprovou, no dia 14 de agosto de 2007, a Lei Nº 4.505, que autorizou a introdução das “disciplinas Filosofia e Sociologia nos programas curriculares dos estabelecimentos públicos municipais de ensino fundamental do Município de Cariacica” (CARIACICA, 2007). Apesar de prever a introdução da Filosofia e da Sociologia no Sistema de Ensino, a referida legislação deixou a cargo da SEME e do Conselho Municipal de Educação de Cariacica (COMEC) a elaboração da forma com que se daria tal introdução. Então, os primeiros professores de Filosofia e Ciências Sociais do município elaboraram, sob orientação da SEME – por meio da então Secretária de Educação, Célia Maria Vilela Tavares, e da então Coordenadora de Políticas Educacionais, Teresinha Maria Giacomini – O Documento de Consolidação das Práticas de Filosofia e Ciências Sociais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, tendo como base os dados obtidos pela pesquisa realizada e as primeiras experiências de implementação das Práticas.

A pesquisa de campo realizada na segunda fase da implementação do Projeto de Filosofia e Ciências Sociais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: Desafios e Perspectivas apontou que havia entre os sujeitos que compõem a comunidade escolar – alunos, família/comunidade, professores e funcionários – a ausência do sentimento de pertencimento à escola; a heteronomia provocada pela “falta de iniciativa e capacidade de tomar decisões, [que gera] uma prática de transferência de decisões e responsabilidades para terceiros”, bem como “pela dificuldade da escola para gerir e fazer cumprir suas regras, assim como [de] criar uma proposta de interação com a comunidade”; e a confusão sobre qual é o verdadeiro papel da escola, diante das diversas demandas que seriam dadas a ela e que a impediriam de “cumprir sua função fundamental, ou seja, ensino e aprendizagem dos conhecimentos culturalmente acumulados e geração de novos conhecimentos”. Para enfrentar esses problemas, foram elencados três eixos de trabalho: Identidade, Autonomia e

Papel Social da Escola. Tanto a Proposta Curricular quanto o Documento de Consolidação das Práticas de Filosofia e Ciências Sociais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental giram em torno desses eixos (CARIACICA, 2009, p. 10).

As Práticas de Filosofia e Ciências Sociais não se restringem ao trabalho com o segmento aluno, mas abarcam toda a comunidade escolar, como família/comunidade, professores e funcionários, tendo como base “as interações e os significados produzidos nas experiências e o método dialógico amparado na dialética”. Entende-se por interações “as relações sociais interpessoais pelas quais os comportamentos dos indivíduos influenciam-se mutuamente e modificam-se”, e por significados “a importância, o valor e os diferentes sentidos produzidos nos encontros das Práticas de Filosofia e Ciências Sociais” (CARIACICA, 2009, p. 8-9).

Visando à ressignificação do espaço-tempo escolar e prezando pela interdisciplinaridade e pela transversalidade, os encontros das Práticas de Filosofia e Ciências Sociais com os segmentos atendidos apresenta certa flexibilidade em seus horários, pois suas atividades fazem parte do currículo municipal, mas não estão engessadas na grade curricular. Além disso, o trabalho realizado com o seguimento aluno se dá de maneira integrada com os professores regentes (MaPA) ou professores de área específica (MaPB) das turmas. Nessa perspectiva as atividades de Filosofia e Ciências Sociais se dão na forma de projetos e/ou processos, e não de aulas, como nas outras disciplinas (CARIACICA, 2009). Tais projetos e/ou processos devem ser

elaborados a partir da observação do contexto escolar, da proposta curricular da Filosofia e das Ciências Sociais, da proposta pedagógica da escola e do plano de curso dos professores (as), conjuntamente com os segmentos em que se dará a intervenção (CARIACICA, 2009, p.43).

Como dito anteriormente, as Práticas de Filosofia e Ciências Sociais seguem o método dialógico, baseado na dialética, que dispõe de três momentos, a saber: “a) escolha do tema (tese); b) problematização do tema (antítese) e c) ressignificação do tema (síntese) que se repete constantemente” (CARIACICA, 2009, p. 44). Visando aplicar esse método com o seguimento aluno, os trabalhos que desenvolvi partiram de uma atividade concreta, da leitura de um livro ou de um texto, da observação de um vídeo, de uma imagem ou de uma música, que serviram como desencadeadores de discussões e reflexões por parte dos alunos e professores. Estas reflexões e discussões se deram na forma de rodas de conversa, envolvendo todos os participantes e visavam à construção de novos significados pelos envolvidos.

### 3 Relato De Experiências

Como já foi expresso, as atividades das Práticas de Filosofia e Ciências Sociais são desenvolvidas nas escolas da Rede Municipal de Cariacica por meio de projetos e/ou processos nos quais são debatidos assuntos previstos em sua proposta curricular e que estejam de acordo com a proposta pedagógica da escola e com o plano de curso dos/as demais professores/as. No primeiro trimestre letivo do ano de 2013, junto com as professoras regentes do CMEI Dom José Mauro Pereira Bastos, optei por discutir com os/as alunos/as das turmas de 5 anos C, 1º ano C e 1º ano D a temática das relações de gênero. Essa opção se deveu ao fato de que essas turmas eram compostas em sua maioria por crianças que já estudaram no CMEI no ano anterior e, portanto, já haviam sido atendidas pelas Práticas de Filosofia e Ciências Sociais. Naquele ano havia trabalhado com o Segmento Aluno temáticas como identidade e relações e interações sociais, que julgo propedêuticas ao estudo das relações de gênero.

Então, elaborei em conjunto com as professoras dessas turmas o projeto Relações de Gênero. Para o desenvolvimento desse projeto, programamos seis encontros, nos quais discutimos a temática proposta a partir de diversas atividades.

No primeiro encontro, inicialmente, dei uma pequena explicação a respeito do conceito de gênero, relacionando-o ao que é próprio de meninos e meninas, de homens e mulheres, e frisando que essas coisas são definidas pela sociedade. Depois disso, sentei no chão com as crianças, formando uma roda e, no meio da roda, espalhei uma série de brinquedos como carrinhos, bonecas, panelinhas, pinos de boliche, dentre outros. Então, pedi aos/as alunos/as que fossem até o meio, escolhessem um brinquedo e dissessem se esse brinquedo era de menino, de menina ou se ele serve para os dois gêneros.

Na turma de 1º ano C dos dois meninos que pegaram carrinhos, um deles afirmou que se tratava de um brinquedo exclusivamente de meninos, enquanto o outro disse que tanto meninos quanto meninas podem brincar de carrinho. Uma menina, por sua vez, pegou uma boneca e declarou que ela é um brinquedo com o qual apenas meninas poderiam brincar. Na turma de 5 anos C, dois meninos pegaram o mesmo carrinho, afirmando que este é um brinquedo de meninos, e duas meninas pegaram bonecas diferentes, dizendo que se tratavam de brinquedos exclusivamente femininos. Além disso, tanto meninos quanto meninas dessa turma afirmaram que panelinhas são brinquedos para os dois gêneros.

Em ambas as turmas, algumas meninas discordaram de que elas não poderiam brincar de carrinho e afirmaram inclusive que possuíam tais brinquedos. Na turma de 1º ano C, um aluno disse

que meninos também poderiam brincar de boneca, pois, quando crescem, os homens também ajudam a cuidar dos filhos. A mesma relação foi estabelecida por esta e por outras crianças quando perguntei se só as meninas podem brincar com panelinhas.

Na turma de 1º ano D, os/as alunos/as não relacionaram os brinquedos expostos ao gênero masculino ou feminino pelos brinquedos em si, mas por causa da sua apresentação, por exemplo, bonecas reproduzindo bebês do sexo masculino ou feminino, carrinhos rosas e azuis, pinos de boliche azuis e vermelhos, dentre outros. Desse modo, uma menina que pegou uma boneca, disse que esta era um brinquedo de menina porque ele estava caracterizado como uma menina. Isso me levou a fazer duas perguntas às crianças: primeiro, questionei se eles concordavam com ela. Em segundo lugar, perguntei se a boneca estivesse caracterizada como um menino, ela seria um brinquedo de menino. As duas perguntas foram respondidas afirmativamente pelas crianças. Além disso, a cor também foi um critério de classificação dos brinquedos quanto ao gênero. Assim, um menino pegou um pino de boliche azul e afirmou que ele é um brinquedo de menino, e que o mesmo seria de menina se fosse vermelho ou rosa. Os/as demais alunos/as também concordaram com isso.

Depois de os/as alunos/as se expressarem expliquei que os brinquedos e as brincadeiras também têm a função de ensinar algumas coisas para as crianças. Desse modo, a brincadeira de boneca nos ensina a cuidar de bebês reais, a brincadeira de comidinha seria um treinamento para a culinária e a brincadeira de carrinho nos ajuda a entender como um carro funciona e se locomove nas vias. Falei também que algumas pessoas acreditam que meninos não podem brincar de bonecas nem de panelinhas, nem meninas podem brincar de carrinho, pois antigamente achava-se que as mulheres não podiam dirigir, nem os homens cuidar dos filhos ou fazer comida, mas que hoje algumas pessoas pensam diferente. Em todas as turmas, nesse momento, os alunos demonstraram concordar que mulheres dirigem e que homens cuidam dos filhos e cozinham, e também que as brincadeiras que preparam para tais atividades estariam franqueadas tanto para meninos quanto para meninas.

No segundo encontro, trabalhei com as turmas de 1º ano C e D o curta-metragem “Faca Sem Ponta, Galinha Sem Pé”, baseado em um livro da Ruth Rocha. Já com a turma de 5 anos C, trabalhei o livro “Menino Brinca de Boneca?”, de Marcos Ribeiro. Ambos os materiais trabalham sobre as diferenças entre meninos e meninas, numa tentativa de desnaturalizar algumas dessas diferenças, como a docilidade/passividade das meninas e a agressividade/atividade dos meninos. Nas três turmas, a maioria dos/as alunos/as fez coro aos materiais utilizados ao confrontar algumas das questões desconstruídas por eles, como a ideia de que as meninas são mais fracas e os meninos mais fortes. Mesmo assim, alguns meninos afirmaram que meninas não podem jogar futebol, que é um

questionamento trazido tanto pelo vídeo quanto pelo livro. Quase todas as meninas se manifestaram contra essa ideia, exceto uma aluna do 1º ano D.

Na turma de 5 anos C, durante a leitura do livro, perguntei às crianças que diferenças elas viam entre meninos e meninas. Nesse momento, uma aluna respondeu que o cabelo era diferente, pois as meninas podem tê-lo curto ou comprido, enquanto os meninos só o tem curto. Questionei essa ideia dizendo que tanto homens quanto mulheres podem ter cabelo curto ou comprido. Depois disso, a professora regente da turma perguntou se homens e mulheres têm corpos iguais, ao que os alunos responderam que não, falando sobre a diferença entre seus órgãos genitais. Foi então que afirmei que, independente do fato de homens e mulheres serem fisicamente diferentes, essas diferenças não faziam uns melhores que os outros.

Iniciei o terceiro encontro do projeto com algo que não havia previsto. Como a possibilidade de as mulheres jogarem futebol não era uma questão resolvida nas três turmas em que trabalhei as Relações de Gênero, exibi alguns vídeos mostrando trechos de jogos da seleção brasileira de futebol feminino, para mostrar que mulheres também praticam profissionalmente um esporte que nossa sociedade considera predominantemente masculino. Foi interessante que os/as alunos/as vibravam a cada gol que era marcado pelas jogadoras. Num segundo momento, passei o clipe da música "Cada um é como é", do Toquinho e li para as crianças a letra da música. A partir da letra, que retrata uma realidade na qual o pai sai para trabalhar e a mãe fica em casa cuidando dos filhos, perguntei às crianças se isso é verdade para todo o mundo. Algumas delas responderam que sim e outras que não – principalmente no 1º ano C os/as educandos/as defenderam a ideia trazida pela música, o que demonstra que a maioria de suas mães ficam em casa. Então perguntei principalmente para os/as alunos/as que disseram que sim se suas mães trabalhavam dentro e fora de casa, ao que eles/as responderam afirmativamente. Depois disso falei da possibilidade de os homens contribuírem para o serviço doméstico, que tratei também como um tipo de trabalho, e falei sobre o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, dizendo que elas não são mais obrigadas a ficar dentro de casa, enquanto os homens trabalham no espaço público.

O quarto e o quinto encontro foram reservados para assistirmos ao filme “Mulan” e para discutirmos sobre ele. A roda de conversa que promovi nas três turmas girou em torno do protagonismo das mulheres. Os/as alunos/as perceberam que as mulheres podem desempenhar quase todas as atividades tidas como masculinas, como servir ao exército e lutar numa guerra. Além disso, eles/as criticaram o menosprezo com o qual os demais personagens do filme trataram a protagonista, após descobrirem que ela era mulher.

No sexto encontro fizemos uma atividade de conclusão do projeto Relações de Gênero. Nas três turmas as crianças fizeram um cartaz retratando uma cena de “Mulan”, sendo que nos primeiros anos as crianças produziram um texto coletivo sobre o filme e sobre o assunto que tínhamos estudado até então.

#### 4 Considerações Finais

Na experiência que realizei no primeiro período letivo de 2013, pude perceber que, como apontou Daniela Finco (2003), nem todas as crianças com as quais trabalhei o projeto Relações de Gênero – cuja faixa etária varia entre cinco e sete anos de idade – internalizaram a distinção entre os papéis sociais de gênero. Isso pôde ser observado principalmente entre os/as alunos que afirmaram que meninos e meninas podem brincar de carrinho, de boneca, de comidinha ou jogar futebol. Porém, a maioria das crianças em questão já trouxe consigo referenciais do que é de menino ou de menina, de homem ou de mulher. Esses referenciais – que provavelmente são adquiridos em seus contextos familiares – podem relegar as meninas e as mulheres à situações desfavoráveis, limitando sua atuação na sociedade – é o caso das meninas que crescem socializadas para o serviço doméstico e para o cuidado dos maridos e dos filhos, sem vislumbrarem a possibilidade de exercer atividades de produção, que seriam realizadas no espaço público.

Outro fato interessante é que, quanto mais velhas são as crianças, mais elas trazem internalizados os referenciais supracitados. Isso pôde ser observado quando, no desenvolvimento do terceiro encontro do projeto, na turma de 1º ano C houve mais alunos/as que concordavam com a divisão sexual do trabalho por meio da qual os homens trabalham fora de casa enquanto as mulheres são responsáveis pelos trabalhos domésticos, ou então quando a única educanda a afirmar categoricamente que mulheres não podem jogar futebol era do 1º ano D. Tal fato corrobora o pressuposto que permeou todo o projeto, a saber, que o gênero e os papéis sociais atribuídos a ele são realidades socioculturais, logo, construções sociais, pois crianças mais velhas possuem mais tempo de socialização que as mais novas.

Com o desenrolar dos encontros, pude perceber a mudança nas representações e nas atitudes de alguns/algumas alunos/as, que pareceram se desvencilhar de concepções imbuídas de sexismo. Com isso, as relações entre meninos e meninas no interior da escola se mostraram menos conflituosas em alguns momentos de brincadeiras, principalmente naquelas que envolvem brinquedos socialmente considerados exclusivamente de meninos ou meninas. Espero que esses efeitos se

mantenham ao longo do processo de crescimento e de desenvolvimento das crianças, e que se reflita em relações de gênero menos carregadas de sexismo, de machismo e de homofobia.

## 5 Referências

CARIACICA. Lei Nº 4.505, 14 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.legislacaoonline.com.br/cmcarriacica/images/leis/html/L45052007.html>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

\_\_\_\_\_, Documento de Consolidação das Práticas de Filosofia e Ciências Sociais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Cariacica, 2009. 53 p. (mimeo)

HEILBORN, Maria Luiza; ARAUJO, Leila; BARRETO, Andreia (Orgs.). *Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça (GPP-GER)*. Módulo II – Políticas Públicas e Gênero. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

FACA SEM PONTA GALINHA SEM PÉ (Curta Metragem). Antônio Carlos Fontoura, 2009. 13 min. son. color.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-Posições*. V. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003. Disponível em: <<http://mail.fae.unicamp.br/-proposicoes/textos/42-dossie-fincod.pdf>>. Acesso em 01 jan. 2013.

MULAN (Filme). Kenneth Chisholm, 1998. 88 min. son. color.

RIBEIRO, Marcos; SALGUEIRO, Bia. *Menino Brinca de Boneca?* Rio de Janeiro: Salamandra, S. d. Livro digitalizado.

TOQUINHO, *Cada um é como é*. Clipe animado produzido por Pedro Carneiro. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=nu1vTj-rWjk>>. Acesso em: 19 fev. 2013.